

PROPOSIÇÕES SOBRE A IMPRENSA E O JORNALISMO ESPORTIVO EM SANTA CATARINA

*Fábio Messa;
Victor Azevedo;
Cristiano Mezzaroba*

Para visualizarmos sinteticamente a trajetória da imprensa e os rumos do jornalismo esportivo no estado de Santa Catarina, convém entendermos o surgimento da mídia impressa em suas diferentes regiões, principalmente no norte do Estado. Depois vamos enfatizar a transformação do rádio como o meio por excelência para as primeiras narrativas sobre o esporte, na região de Blumenau. E por fim, abordaremos o advento da televisão já na região da capital.

Definir com precisão o início da mídia impressa no estado pode não ser tão fácil. Os primeiros registros confirmam que, em 1852, surgiu

na região de Joinville o *Der Beobachter am Mathiasstrom - O Observador às Margens do Rio Mathias*, apontado como o primeiro jornal da imprensa catarinense, e segundo no país em língua alemã (PEREIRA, 1992). Foi fundado pelo imigrante, na época escrivão da colônia Dona Francisca, Karl Knüppel. O veículo tinha por meta informar aos colonos sobre sua terra e suas condições, além de auxiliá-los em suas produções agrícolas. Não há informação exata sobre o tempo de circulação desse jornal. Uma década depois, foi lançado o *Kolonie-Zeitung*, pelo advogado, jornalista e político Ottokar Doerffel, um importante agente na colonização e institucionalização. Até 1938 manteve-se somente em língua alemã, para logo mais começar a ser publicado em português, por causa da Campanha de Nacionalização decretada por Vargas. Só que, como maior parte dos leitores sabia ler apenas em alemão, o jornal perdeu público, falindo em 1940. Teve cerca de 80 anos de história.

O pesquisador Plácido Gomes enumerou dezenas de publicações jornalísticas de Joinville, compondo o *Álbum do Centenário de Joinville*, em 1951, evidenciando que a maioria das publicações sempre teve um caráter político-partidário, o que era característica do jornalismo na primeira metade do século XX no país (GOMES, 1951). E essa condição tornava os jornais efêmeros, facilmente perecíveis. Raras foram as iniciativas empresariais para a sustentação comercial dos veículos. Uma das publicações de maior destaque, ainda no período pré-republicano, foi a *Gazeta de Joinville*, de 1877, o primeiro jornal já em português, para uma colônia de aproximadamente 20 mil habitantes, quase todos leitores em alemão.

A *Gazeta de Joinville*, em 1905, passa a ser propriedade do jornalista Eduardo Schwartz. O jornalista Crispim Mira, assassinado por questões políticas, em 1927, foi um dos redatores da *Gazeta* e considerado um dos mais conceituados redatores nas primeiras décadas do século XX. Eduardo Schwartz também coordenou o *Jornal de Joinville*, a partir de 1919, já encampado pela rede Diários Associados, circulando até a década de 80. Nas editorias de esporte, o que se registra é que em Joinville, após os anos 40, destacaram-se os comentaristas Arcy Neves, N. Stamm, Realcy Moreira, Jota Gonçalves, Hugo Weber, José Lopes de Oliveira, Raul Vidal e Gilberto Navarro Lins.

Sobre a história do jornal *A Notícia*, Apolinário Ternes registra que o veículo foi fundado em 1923 pelo paranaense Aurino Soares, que já acumu-

lava experiências jornalísticas em Curitiba, Rio de Janeiro e Florianópolis. É possível identificar o avanço do jornal a partir de quatro fases distintas (BALDESSAR, 2005). A 1ª fase comandada pelo seu fundador até 1944 que, durante 20 anos, fez o semanário de quatro páginas tornar-se um grande jornal com parque gráfico próprio e com considerável circulação em dois outros estados – Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em junho de 1924, o *A Notícia* lançou outro noticioso para dar maior realce às suas edições, com o título *Notas Esportivas*. A cada edição, apresentava um painel com as últimas informações esportivas de caráter local e estadual, uma novidade que instigava os leitores, como nos grandes jornais do eixo Rio-São Paulo.

O jornal, simultaneamente com a seção de notas esportivas, lançava uma promoção, solicitando a opinião dos leitores sobre o clube de futebol mais apreciado e sobre os jogadores preferidos. Concursos deste tipo, mesmo num jornal semanal, despertavam a atenção geral, mobilizando a opinião pública, mostrando essencialmente a influência e a penetração que o veículo já conseguia alcançar, apenas 18 meses depois de seu lançamento. Já na década de 30, notícias esportivas tinham espaço garantido. Em 1937, uma das sete colunas do jornal abordava o esporte. Arci Neves foi o responsável por muitos anos pelo noticiário esportivo. (BALDESSAR, 2005)

A 2ª fase ficou marcada pela morte de Aurino Soares, que ocasionou uma parada de 18 meses de circulação, só retornando por volta de 1946, já sob o controle acionário do empresário Antonio Ramos Alvim e do político Aderbal Ramos da Silva, ambos de Florianópolis. Esta fase, apesar de iniciada por uma falta, acabou compensando-se pelos seus novos empreendedores.

A 3ª fase do *A Notícia* começa em 1956 com o jornal passando ao controle de 130 acionistas, quase todos de Joinville. Leopoldo Schroeder assina, em 1956, seus primeiros artigos de esporte, mais tarde tornando-se responsável pelo *A Notícia Esportiva*. A partir dos anos 60, consolida-se o bom jornalismo esportivo, com noticiário completo e artigos de fundo, assinados por importantes nomes como: Arci Neves, Hugo Weber, Arão Tito de Sousa, Augusto Parcias, Luís Mauro Correa, Nerval Pereira, João Carlos Vieira e Jorge Antônio da Silva. Destaca-se, também, nesses 15 anos de atividades, a participação do editor Joel do Nascimento, o Maceió, que até

hoje é colunista de *A Notícia*. A promoção *Destaques Esportivos do Ano*, iniciada em 1966, manteve-se por muitos anos, conquistando grande importância no contexto jornalístico joinvillense, chegando a âmbito estadual a partir de 1982 (TERNES, 1983, p.116)

Numa iniciativa de Jorge Antônio da Silva, também do quadro de redatores, em 1966, *A Notícia* deu início a uma promoção que se manteve até recentemente, conquistando o respeito do público, consolidando sua penetração junto aos meios esportivos. A promoção *Os Destaques Esportivos*, que alcançou mais de 16 edições, constituiu-se na principal jogada de marketing anual do periódico. Escolhiam atletas, dirigentes e técnicos de destaque de cada ano em suas diferentes modalidades, reunindo-os numa festa de confraternização para a entrega do troféu *O Jornaleiro*, valorizando os esforços individuais e coletivos.

Convém destacar que, por muito tempo, o jornal manteve a liderança como veículo informativo, com ênfase para a editoria de esportes. Foram muitos os nomes do jornalismo esportivo de Santa Catarina que passaram pelo *A Notícia*, fazendo-o adquirir um considerável *know-how* de influência e penetração junto à opinião pública.

A 4ª e última fase consolidou o veículo desde 1978 até o presente. Começou com Moacir Thomazi à presidência, que já pretendia recuperá-lo, recolocando-o na liderança editorial e jornalística do estado. Em 25 de agosto de 1980, concretiza-se um dos itens já programados para o início da nova fase do jornal: a publicação de um caderno esportivo, às segundas-feiras: *A Notícia Esportiva*. Abriu-se nova sede, novo parque gráfico e, por fim, alcançou índices significativos de audiência e rendimento.

Voltando mais ao tempo, indo para o norte do estado, em São Bento do Sul tem-se a referência de *O Urubu*, em 1885, doze anos após o surgimento da colônia, um primeiro jornal ainda manuscrito, fundado pelo médico Felipe Maria Wolf para difundir ideais republicanos. Em 1890, ele passa para a tipografia, e Wolf funda o *Liberdade* que, em 1892, transformou-se em *Legalidade*, também de Wolf. Em 1900, o mesmo ainda funda o *Der Wolksbote*, de língua alemã, que teve 10 anos de vida útil. Este mesmo republicano convicto chegou a ceder sua residência para a instalação do quartel general dos revolucionários federalistas em 1893.

Depois disso, nas décadas de 30 e 40, diversos jornais de vida curta multiplicaram-se como o *Tribuna da Serra*, de 1963, que até adotou sucursais e teve a pretensão de regionalizar-se. Nos dias atuais, São Bento do Sul conta com o *Informação* (1979), o *Evolução* (1990) e *A Gazeta* (1995), o único diário (BALDESSAR, 2005, P.30)

Em Jaraguá do Sul, há o *Correio do Povo*, que existe até hoje, e foi fundado por Venâncio da Silva Porto, em 1919. Além deste, circulam na cidade *A Gazeta*, com destaque para os editoriais de esporte e o de sociedade; o *Absoluto*, primeiro jornal eletrônico de SC; o *AN Jaraguá*, caderno diário de *A Notícia*. Em Guaramirim destacam-se os jornais *O Regional* e *Jornal do Vale*.

Na região da Serra, no período republicano, o jornalismo estava muito engajado com os partidos políticos do contexto. O jornal mais antigo foi *O Lageano*, de 1883, semanário dirigido pelo professor João da Cruz e Silva, que defendia o ensino público e criticava as estradas da região (PEREIRA, 1992). Com a proclamação da República, ele deixou de circular, retornando em 1891. O jornal *O Escudo*, de 1886, era um órgão do Partido Liberal. Depois, em 1893, *O Rebate* substituiu o anterior, passando a representar o Partido Republicano Federalista. Não podemos esquecer da *Gazeta de Lages*, de 1892, dirigida pelo intelectual Manoel Thiago de Castro, que também coordenou *O Município*, em 1896, marcando época em todas as regiões catarinenses por sua ampla atuação política. Instituiu a sátira e o humor irônico, criticando políticos como o governador Hercílio Luz. Algumas polêmicas eram de caráter pessoal, geralmente pagas pelos políticos opositores.

Em 1901, surge *O Imparcial*, semanário que afrontava padres como o frei Pedro Sinzig e veio a falir em 1907, por causa dessas críticas. Este mesmo padre fundou um ano depois *O Cruzeiro do Sul*, para rebatê-las. Com o movimento tenentista, depois de 1917, cada vez mais essas lutas políticas foram acirradas, gerando diversos jornais de vida curta, geralmente semanários, embora o que prevalecesse ainda era o jornal dos padres. Resta ainda acrescentar que nem só em Lages vigoravam os jornais, na região serrana, mas em cidades como Caçador, com o jornal *Folha da Cidade*; Canoinhas, com o *Correio do Norte* e a *Folha do Planalto*; Capinzal, com *O Tempo*; Joaçaba, com *O Vale*; Ponte Serrada, com *A Gazeta do Oeste*; Taió, com a *Ga-*

zeta do Alto Vale; além de Curitiba, com *A Semana*. Todos demonstravam a tendência e a necessidade das pequenas e médias cidades terem seus próprios jornais, para enfatizar os fatos locais.

No oeste do estado, o jornal *Diário da Manhã* circula em Chapecó desde a década de 80, mantendo um estilo sóbrio e gerando notícias que nem sempre representavam os interesses hegemônicos da imprensa, principalmente aquelas relacionadas ao Poder Executivo e com os grupos privilegiados economicamente. Isto mostrava um já articulado movimento de resistência dos profissionais (BALDESSAR, 2005, p.45-46).

As mais importantes transformações no jornalismo da região oeste do estado efetivamente só aconteceram quando implantados os primeiros cursos superiores de jornalismo já em 1990, em Chapecó, seguido depois por Concórdia e São Miguel do Oeste. Havia um choque legalista que problematizava a profissionalização dos comunicadores não habilitados, enquanto a ação sindical preocupava-se em estabelecer filiação desses jornalistas, a partir de cursos de aperfeiçoamento, para promover o credenciamento e debater com mais profundidade as atividades exercidas. Merecem destaque as jornalistas Solange Oro, Fernanda Conte e Cátia Leite De Filtro, que foram as primeiras a agitarem uma greve num meio de comunicação desta região, consolidando o espírito sindicalista (BALDESSAR, 2005, p.48).

No sul do estado, mais precisamente em Tubarão, o jornalista João de Oliveira foi o pioneiro na região, com os periódicos *O Argonauta* (1911), a *Gazeta do Sul* (1912) e *A Folha* (1913). Mais tarde, surgiram os jornais *Folha do Sul* (1918), *Correio do Sul* e *A Tribuna*, ambos de 1919, e *A Imprensa* (1922). Assim como a Rádio Tubá, existente até hoje como um dos líderes de audiência.

Somente em setembro de 1971, que o estado inicia a era da modernização com o seu primeiro jornal em *off-set*, sistema privilegiado apenas pelos grandes diários das principais cidades do país. Era *O Jornal de Santa Catarina*, o primeiro com sistema de telefoto, que contava com uma frota de 26 veículos para a sua distribuição. O *Santa* nasceu para completar a primeira grande rede de comunicação do estado. De certa forma, o seu lançamento, em Blumenau, gerou uma onda de choques com o jornalismo da

Grande Florianópolis, pois selecionou profissionais de maior qualidade, incorporados às novas tecnologias de impressão (BALDESSAR, 2005, p.59). O jornal *O Estado*, na capital, também se mobilizou, estreando nova sede, na rua Felipe Schmidt, com equipamentos equivalentes ao concorrente. Houve um *boom* de jornalistas gaúchos nas redações, o que propiciou um choque cultural e profissional, agitando o ambiente, provocando discussões e estimulando cada vez mais o aperfeiçoamento dos veículos. Em 1977, foram lançados os jornais *Diário de Notícias*, da Grande Florianópolis, *A Nação*, de Blumenau, e o *Jornal de Joinville*, todos do grupo Diários Associados, que mantinham o mesmo miolo, só diferindo nas partes locais e nas capas.

No que se refere à produção jornalística voltada para os esportes, em todos estes veículos do estado, não podemos esquecer de frisar que o futebol, mais do que um esporte, foi transformado num grande espetáculo de massa, numa prática política teatralizada. Nas primeiras três décadas do século XX, o futebol funcionou basicamente como um ritual discriminatório de classes. Era um privilégio de brancos ricos, que excluía os nativos pobres. O futebol acabou capitalizando aspectos de uma ideologia populista difusa nos quais se misturavam anseios de entretenimento com aspirações de ascensão social. Só no fim da década de 60 é que surgiram os grandes cadernos de esportes nos jornais. Em São Paulo, por exemplo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências, segundo Coelho (2003), de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Neste período o país entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão.

O jornalismo esportivo catarinense, pra não referir o nacional como um todo, assumiu um caráter conservador em certo aspecto: mantendo para o futebol o espaço mais generoso, enquanto outros esportes emergentes ou em ascensão foram distribuídos em poucas ou meias páginas ou blocos. Esse lugar comum já impediu o surgimento de outros públicos para esportes amadores, sem chance de divulgação. A notícia esportiva sempre registrou o jogo ou a disputa. Dela as pessoas tomam o conhecimento assistindo ao espetáculo ou a partir de resumos – os lances principais. Tudo mais é constituído de declarações e decisões, tomadas num clima de pai-

xão, em torno das quais se propõem análises e prognósticos – a chamada crônica esportiva. Sabe-se que o primeiro estudo sobre mídia esportiva no Brasil ocorreu em 1966, quando foram analisados três jornais brasileiros (um metropolitano de prestígio nacional, um meso-regional e outro local). Verificou que o esporte figurava em terceiro lugar na agenda noticiosa dessas publicações, precedido de assuntos relacionados à cultura e à administração pública (MELO, 2005).

A segunda pesquisa ocorreu um ano depois, quando já fora constatado que a notícia de esporte passou a liderar a agenda noticiosa dos jornais paulistanos. E a sua terceira pesquisa só aconteceu cerca de 30 anos depois, já em 1996, que revelou um quadro contrastante: “enquanto os jornais paulistas elegem o esporte como temática principal, a ela dedicando, em média, 14% do espaço jornalístico, os jornais de prestígio nacional colocam o esporte (7%) em quarto lugar na lista de suas prioridades.” (Melo, 2003, p. 115). Dos jornais analisados, o único que ignorava solenemente as atividades esportivas era a *Gazeta Mercantil*, não dedicando nenhum centímetro-coluna.

Para entendermos como se constitui a estruturação das notícias de esporte nos jornais impressos do estado, seria necessário verificar com rigor o posicionamento dos jornalistas nas organizações das editorias de esporte. Já sabemos que as notícias não são uma produção idealista e que, num exercício de fantasia, poderiam se impor por critérios que elas mesmas teriam o poder de consolidar, de forma intrínseca, automática, e, por que não, esotérica ou fantasmagórica. Notícia alguma se faz por si mesma.

Essa estrutura de notícia esportiva, além de omitir outros assuntos, apesar de seu valor técnico, só contribuiu, então, para o conservadorismo do setor de esportes e para a sua decorrente estagnação do mercado. Outros e novos públicos leitores deixaram de ser formados em razão dessa peculiaridade elitista e anacrônica, que acabou desconsiderando tanto os critérios de noticiabilidade, como os princípios esportivos e suas relações interdisciplinares. A editoria de esportes tornou-se a segunda divisão da redação de um jornal, restrita a um universo vicioso e limitado.

Narrativas do Esporte pela Radiodifusão

Os registros mais remotos de noticiário esportivo datam de 1940, na *Rádio Clube* de Blumenau, quando foi ao ar *A Marcha do Esporte*, um programa esportivo, transmitido diariamente às 12h30. Nesta época os recursos eram muito escassos, mas os profissionais, mesmo carregando os fios nas costas, faziam a cobertura dos eventos sem reclamar. A *Rádio Difusora*, de Joinville, transmitia o jogo do América, time que representava a cidade, por linha telefônica direto de Porto Alegre.

A expansão do meio, assim como já havia sido com o impresso, também atribuía-se, com mais força, aos interesses políticos da elite dominante, o que não ocorria exatamente com a televisão, já na década de 60, pois ainda havia um relativo desconhecimento das classes políticas sobre o novo meio, além da inexistência de empresários do setor para transformar a atividade em esquema profissional.

Em 1947, em Florianópolis, foi transmitido o primeiro jogo de futebol, pela *Rádio Guarujá* diretamente do Campo da Liga, ou *Parque do Bode*, como era chamado o estádio Adolfo Konder, do Avaí Futebol Clube, local onde se encontra hoje o *Shopping Beira-Mar*. Vale lembrar que a *Rádio Guarujá* foi a primeira estação da capital, que também cobria outros esportes como o Remo e o Basquete. Havia um sistema de alto-falantes na Praça XV, de onde transmitiam as notícias.

Neste ínterim, o comentarista Roberto Alves (atualmente colunista do *Diário Catarinense* e da programação da RBSTV) já trabalhava como operador de som, tornando-se, três anos depois, repórter de campo. Geralmente as transmissões eram feitas em dupla, na mesma linha da antológica dupla carioca da *Rádio Nacional*, formada por Jorge Curi e Antônio Cordeiro. Tudo era feito em cima da hora, com narrador, comentarista e um repórter de campo. O som também não era de boa qualidade, e a comunicação entre a equipe era restrita. Por exemplo, para comunicarem-se com a mesa de som, alguns utilizavam mímica, pois o operador encontrava-se isolado numa outra sala. (Cf. entrevista com Roberto Alves, 2008)

A rádio *Diário da Manhã*, também da capital, fez as primeiras transmissões internacionais diretas. Nela, Fernando Linhares (um dos principais

expoentes da crônica esportiva da região), a partir de 1955, já redigia para o programa *Momento Esportivo Brahma*. Conta ele que chegou a narrar até mesmo partida de botão (Cf. entrevista com Fernando Linhares, 2008). Nos anos 60, Nimar Bitencourt (outro importante difusor das falas esportivas na capital, hoje produtor e apresentador de programas sobre esporte na *TV Capital*) começou na rádio *Anita Garibaldi*, trabalhando no programa *Discoteca do Ouvinte* como redator. Depois surgiu uma oportunidade no esporte para fazer reportagem de campo, quando começou a fazer cobertura de Avaí e Figueirense. (Cf. entrevista com Nimar Bitencourt, 2008). Já no final da década de 50, destacavam-se os times Paula Ramos, que foi campeão estadual, e o Metropol, na década de 60.

Em coberturas dos Jogos Abertos de SC, Nimar Bitencourt participou de duas edições. Numa muito superficialmente, e na outra, realizada na capital em 1961, ele esteve pela rádio *Anita Garibaldi* cobrindo e comentando jogos de basquete e vôlei, informando também sobre atletismo. Para o comentarista, quem faz crônica esportiva hoje não é necessariamente um pessoal diplomado, nem em jornalismo, nem em educação física. Quem comenta esportes trabalha muito mais em cima da sua vivência, da sua experiência, do seu dia-a-dia, do que sobre postulados científicos ou teóricos, “tanto que o futebol é calcado em cima da estatística, dos campeonatos, dos resultados, dos gols marcados, do regulamento, de informações a respeito de transferências de jogadores etc.” (Cf. entrevista com Nimar Bitencourt, 2008).

Em seguida, começa a concorrência entre as rádios *Guarujá* (fundada em 43) e a rádio *Diário da Manhã* (fundada em 55). A primeira, comandada por Aderbal Ramos da Silva, do PSD (Partido Social Democrata), também elogiado pelo jornal *O Estado*, e a segunda, por Irineu Bornhausen, da UDN (União Democrática Nacional). Seus ouvintes eram simpatizantes desses partidos. Até os dois principais times da cidade estavam relacionados a estes partidos. O Avaí era do PSD, e o Figueirense, da UDN. Além dos clubes de remo Aldo Luz, do PSD, e Martinelli, da UDN, assim como as escolas de samba *Copa Lord* e *Protegidos da Princesa*, respectivamente (Cf. entrevista com Roberto Alves, 2008).

Jornais e emissoras eram praticamente de propriedade de uma ou outra corrente política, os jornalistas e redatores também eram engajados nessa rotina panfletária, que funcionava como uma espécie de porta-voz dos partidos e coligações. Essa polarização entre PSD e UDN vingou até meados da década de 70.

O advento do esporte na televisão

A primeira transmissão televisiva no estado ocorreu por meio de uma emissora pirata, a *TV Florianópolis*, e os comentários esportivos eram feitos por Lauro Soncini (PEREIRA, 1992). A emissora já vinha fazendo experimentações há alguns meses, mas depois não obteve concessão e foi lacrada por falta de licença. O proprietário era o comerciante de Tubarão, Hilário Silvestre que, no final de 64, fez uma solicitação para o Conselho Nacional de Comunicações (Contel), pedindo licença para operar uma emissora em Florianópolis. Em 65 um edital abriu concorrência para a concessão de um canal na capital. Além da empresa de Silvestre, participaram outros grupos como a *Rádio e Televisão Cultura Ltda*, da Sociedade Pró-Desenvolvimento da Televisão em Florianópolis, que já fazia a retransmissão da *TV Piratini*, de Porto Alegre, para a região, contando ainda com o apoio do ex-governador Aderbal Ramos da Silva, do PSD, enquanto a *TV Campeche Ltda*, outra concorrente, estava vinculada à família Bornhausen, da UDN. Depois do edital, a *TV Florianópolis* foi definitivamente extinta, fazendo Silvestre ainda tentar recuperá-la, mas sem sucesso (CRUZ, 1996).

O que diferenciava basicamente os conteúdos veiculados em rádio e televisão era a ocorrência das radio novelas e da cobertura esportiva. “Esta, particularmente, ganhava repercussão internacional. Incontáveis transmissões foram feitas à época pelas rádios *Diário da Manhã* e *Guarujá*, de campeonatos mundiais de remo realizados em países do cone-sul. As dificuldades técnicas não impediam transmissões ao vivo com índices expressivos de audiência”. (PEREIRA, 1992, p. 69)

A *TV Coligadas* fundava-se oficialmente em Blumenau, em 1969, numa iniciativa do advogado Wilson Melo, que já tinha cinco emissoras de

rádio no Vale do Itajaí. A emissora tinha 42 repetidoras e alcançava pelo menos 2/3 do território catarinense somente um ano após sua criação. Nela, Pedro Lopes apresentava um programa de esportes (PEREIRA, 1992). Em seguida, a *Rede Globo* passou a preencher a maior parte da programação, pois o *Jornal Nacional* já chegava via Embratel com transmissão direta e em tempo real.

Conforme o futebol ia crescendo, assim como seus clubes, as emissoras foram se adequando. Logo Avaí e Figueirense recuperaram o prestígio na capital. A partir de 76, surgiu o Joinville, através da fusão técnica do América e do Caxias. Criou-se o símbolo do time através da união das cores de ambos, tricolor - vermelho, preto e branco. Evoluíram também as rádios de Joinville, a *Difusora*, a *Colon* e a *Cultura*, todas acompanhando o futebol. Em 70 aparece a *TV Cultura*, onde foi montada uma equipe esportiva com Fernando Linhares e Roberto Alves com o programa *Bola em Jogo*. Foi esta emissora que passou a transmitir os jogos do Avaí e do Figueirense, espalhando-se por todo o estado com repetidoras de imagens, difundindo também o Joinville, ao vivo, para o Campeonato Brasileiro. (Cf. entrevista com Fernando Linhares, 2008).

A *TV Cultura* tinha um sinal de boa qualidade e transmitia a programação da Rede Tupi, que já possuía grande aceitação, conquistando a liderança de audiência em relação à *TV Coligadas* que, por situar-se em Blumenau, captava um sinal muito fraco. Portanto o hábito de ver televisão se consolidou na capital por meio da *TV Cultura*. (CRUZ, 1996, p.57). A *TV Coligadas* só estendeu o sinal para Florianópolis por determinação da *Rede Globo*, já que de fato havia mesmo uma rivalidade entre as cidades do interior e a capital. Por essa falta de liderança da *TV Coligadas* é que se deve a chegada da *RBS TV* para as novas negociações, embasadas num minucioso planejamento de mercado.

A RBS acabou aproveitando-se desta série de problemas a serem solucionados, por essa falta de integração e pulverização do mercado em vários pontos de espaço geográfico catarinense. Em pesquisas de marketing, a assessoria da emissora constatou que, em relação aos aspectos políticos, não havia uma centralização de poder, e sim uma distribuição em cidades-

pólo, além da economia, que apresentava um caráter regional e exportador. Foi criado um modelo invejável de indústria cultural, mimético ao formato que já existia no Rio Grande do Sul.

Para implacar o projeto, o rádio foi descartado, porque já se acentuava a tendência em tornar-se um meio local, ainda mais com o surgimento das FMs. O jornal também não se apresentou como a melhor opção porque havia a necessidade de afirmar a tradição para obter credibilidade, característica que a RBS não possuía em SC. Portanto, foi a televisão o meio escolhido para liderar a empreitada, por ser o veículo de maior penetração, capaz de fidelizar de imediato os novos espectadores. Em apenas três anos, a *Rede Brasil Sul*, como no jogo *War*, conquistou praticamente todo o território catarinense, comprando as emissoras de Joinville, Blumenau e Chapecô, sobrepondo-se às antigas oligarquias Ramos da Silva e Konder Bornhausen, numa junção de sorte, planejamento, acordos políticos convenientes e competência empresarial.

Neste cenário, o esporte criou o seu espaço, em meio a relações políticas e mercadológicas. A imprensa esportiva catarinense, considerando aqui todos os conglomerados midiáticos – jornais, emissoras de rádio e televisão, desenvolveu-se a partir da percepção desses novos empresários da comunicação das tendências e necessidades em valorizar extremamente esta seção que passou a ser a mais lida, ouvida e assistida, inserindo-a na lógica comercial do lucro. Fica evidente que a transmissão da informação esportiva sempre esteve a serviço de forças políticas, servindo, então, como bálsamo para os consumidores-eleitores-torcedores, instituindo-se como entretenimento para disfarçar as crises de diversas ordens, retratadas nas demais editorias.

REFERÊNCIAS

BALDESSAR, Maria José e CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). *Jornalismo em Perspectiva*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

CAMARGO, Vera Regina Toledo e GONÇALVES, Micheli Cristina de Andrade. *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re)contada através da literatura*. Trabalho apresentado ao NP 18 – Comunicação e Esporte, V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom, s/d.

CRUZ, Dulce Márcia. *Televisão e Negócio – a RBS em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

GOMES, Plácido. *Álbum do Centenário de Joinville*, 1951.

LEANDRO, Paulo Roberto. *Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessadas em desenvolver carreira política*. Salvador: edições eletrônicas, s/d.

MEDEIROS, Ricardo e VIERIA, Lúcia Helena. *História do Rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Insular, 1999.

MELO, José Marques de. *Midiologia para iniciantes: uma viagem coloquial ao planeta mídia*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005

PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli: FCC edições, 1992.

TERNES, Apolinário. *História do Jornal A Notícia*. Joinville: A Notícia. 1983.

ENTREVISTAS

Fernando Linhares. Entrevista concedida ao grupo *Observatório da Mídia Esportiva*, junho de 2008.

Roberto Alves. Entrevista concedida ao grupo *Observatório da Mídia Esportiva*, junho de 2008.

Nimar Bittencourt. Entrevista concedida ao grupo *Observatório da Mídia Esportiva*, junho de 2008.